

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**ROSANE GOWACKI DE MORAES**

**ENSINO E APRENDIZAGEM DE LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA  
OUVINTES: A MOTIVAÇÃO EM ANÁLISE**

**CURITIBA**

**2018**

**ROSANE GOWACKI DE MORAES**

**ENSINO E APRENDIZAGEM DE LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA  
OUVINTES: A MOTIVAÇÃO EM ANÁLISE**

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Letras Libras, da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II - Setor de Ciências e Humanas, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Lídia da Silva

**CURITIBA  
2018**

# **Ensino e aprendizagem de Libras como segunda língua para ouvintes: a motivação em análise**

Rosane Gowacki de Moraes<sup>1</sup>

## **RESUMO**

O processo de aprendizagem de línguas depende de vários fatores, dentre eles a motivação. No caso da Libras como segunda língua para ouvintes esse fato não é diferente. Sendo assim, este trabalho teve por objetivo realizar uma análise com dois grupos de um curso de formação de docentes a fim de averiguar os resultados da aplicação das estratégias didáticas motivacionais ao ensino e aprendizagem de Libras como segunda língua para ouvintes, conforme sugerido por Callegari (2008). Seguindo uma metodologia de pesquisa-ação, o estudo realiza a triangulação de dados advindos de questionário, diário de bordo e planos de aulas. Os dados analisados apontam para resultados positivos quanto à aplicação das cinco estratégias no nível da língua e das seis estratégias no nível do aluno. No que tange a aplicação das estratégias que envolvem a situação de aprendizagem, os dados indicam resultados parciais em relação às que tratam do professor e às que se relacionam com o curso.

Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem. Libras. Segunda língua. Ouvintes. Motivação

## **1 INTRODUÇÃO**

Sou professora de Libras e, em minha prática, venho observando que alguns ouvintes demonstram mais interesse pelo aprendizado da língua do que outros. Pensando se esse interesse poderia implicar em uma melhor aprendizagem, interessei-me mais especificamente pelo tema da motivação.

Segundo Miller e Ferreira (1967), motivação é o termo geral empregado para descrever o comportamento instigado por necessidades e

---

<sup>1</sup> Parte deste trabalho foi desenvolvido em Libras – Língua Brasileira de Sinais – e foi traduzido para língua portuguesa. Houve também trechos escritos em português como segunda língua já que a autora do trabalho é surda e sua primeira língua é Libras. Em ambos os casos, o trabalho contou com a colaboração de uma colega do curso a quem externalizamos nossos agradecimentos: Thayse Goulart.

dirigido a objetivos, se trata de um processo que ocorre no interior de um indivíduo, com a intenção de satisfazer necessidades mediante a obtenção de determinados objetivos.

Tendo esse conceito em mente, o objetivo deste artigo é realizar uma análise com dois grupos do curso de formação de docentes a fim de examinar os resultados da aplicação das estratégias didáticas motivacionais alcunhadas por Callegari (2008) ao ensino e aprendizagem de Libras como segunda língua (doravante L2) para ouvintes. Para tanto, a seguinte pergunta de investigação foi desenvolvida: Quais os resultados da aplicação das estratégias didáticas motivacionais sugeridas por Callegari (2008) ao ensino e aprendizagem de Libras como L2 por ouvintes?

O estudo ora proposto traz contribuições de várias ordens, uma delas é que busca traçar um caminho metodológico para o ensino da Libras e deixa orientações quanto à aprendizagem. Além disso, a pesquisa nos ajudará a compreender fatores que influenciam a motivação e/ou a desmotivação do aprendiz de Libras.

Nosso texto está organizado da seguinte forma: na primeira parte, o aporte teórico é apresentado com três seções. Na parte dois, apresenta-se a metodologia e, em seguida, os dados são expostos e analisados. As considerações finais encerram o estudo.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

Para ser um professor, é necessário, sobretudo, saber como praticar a profissão. Função essa que exige, no mínimo, um curso de formação. Até 2006, o curso de Magistério ou Curso de Formação Docente era ofertado para aqueles que queriam trabalhar com a educação, sem que fosse necessário um diploma de graduação superior. O curso ainda permanece nas escolas, porém passou por drásticas mudanças nas políticas educacionais, que tentaram derrubá-lo após 2006, ano em que começou a vigorar a Lei nº 9394. A partir daí, foi estabelecido que, para o cargo de docência, era necessário possuir um ensino superior.

O curso de Formação Docente tem duração total de quatro anos. Caso o interessado já tenha concluído o ensino médio, o curso passa a durar de um

a dois anos, como formação complementar. Após o curso, os alunos podem trabalhar com a Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Para tanto, várias disciplinas de fundamentos e metodologias são oferecidas no Currículo, dentre elas, há a disciplina de Libras.

A Libras está na grade curricular do Curso de Magistério em função da promulgação do decreto 5626/2005, que inclui a Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de licenciatura e formação docente. A disciplina de Libras se faz importante para os cursos atrelados à carreira docente, pois garante que, em um determinado momento, um aluno surdo possa ter acesso a professores usuários de Libras, dentro do contexto da escola inclusiva<sup>2</sup>.

## 2.1 A MOTIVAÇÃO E A APRENDIZAGEM DE SEGUNDA LÍNGUA

Atualmente, é comum que alunos se sintam desmotivados em passar pelo processo educacional. Tal situação tem fomentado pesquisas na área de motivação dentro do contexto escolar. Alguns desses estudos, como o de Marchesi (2004, p. 294), apontam os números dessa desmotivação:

[...] 40% dos alunos do Ensino Médio têm falta de motivação geral; quase 60% estão de acordo que “contam os minutos” que restam para as aulas terminarem; 20% consideram que o trabalho que se realiza é entediante; 40% acham que as aulas são muito longas e quase um terço deles afirmam que prefeririam não ir à escola. Tais dados chegam a ser surpreendentes e desanimadores.

A motivação tem o papel importante de “empurrar” o aluno para participar ativamente da vida escolar. Garrido (1990, p. 294, apud Callegari, 2008, p. 58) define motivação como:

[...] um processo psicológico que determina a realização de atividades e de tarefas educativas, que contribui para que o aluno participe delas de forma ativa e persistente e que possibilita a aprendizagem, a aquisição de novos conhecimentos e habilidades e o desenvolvimento da competência.

---

<sup>2</sup> Segundo Freire, Moura e Felix (2017), no Brasil, as escolas bilíngues são defendidas como a escola ideal para os surdos, tendo o ensino de Libras como primeira língua e a língua portuguesa como segunda língua, na modalidade escrita. Nesse caso, a disciplina de Libras prepara os alunos do magistério para atuar nesse segmento.

Segundo Caturla Fita (2000), a motivação escolar pode ser subdividida em quatro classes. A primeira delas é a motivação intrínseca, que está ligada à atividade a ser feita, levando em conta que o interesse pelo conteúdo leva a novos conhecimentos e aumenta a motivação. A segunda classe é a motivação relacionada com o eu, que está conectada com a autoestima e o autoconceito, com base nas experiências vividas pelo aluno, podendo ser de sucesso ou frustrantes. A terceira classe, chamada de motivação de afiliação, busca a aprovação de pessoas ligadas ao aluno e que valorizem o seu desempenho. Essas pessoas podem ser os pais, professores, entre outros. Por último, a quarta classe, chamada de motivação extrínseca, é a mais usada pelos alunos, pois está vinculada às recompensas que esses podem receber por seu desempenho.

A motivação intrínseca é mais vantajosa e traz melhores resultados do que a extrínseca, uma vez que desperta o interesse do aluno, levando-o a obter conhecimento, alcançando autonomia para realização de atividades. Porém, a motivação sofre variações com o passar do tempo, podendo essas serem causadas por fatores externos que serão abordados posteriormente. No que se refere à motivação extrínseca, caso os fatores que dão aprovação ao aluno desapareçam, a motivação também desaparece. Ainda assim, vemos que, nos dias de hoje, os objetivos da maioria dos alunos estão vinculados ao alcance de boas notas e a avançar no percurso educacional.

Apesar de termos tratado das diferentes classes de motivação, ainda é necessário abordar a Teoria de Metas de Realização que, segundo Bzuneck (2001, p. 58),

[...] contempla a relação entre motivação e metas ou objetivos diversos, como o de conseguir sucesso, evitar fracasso, desenvolver a própria competência, ou de simplesmente mostrar competência. Essas metas, por sua vez, afetam os modos pelos quais as pessoas abordam as tarefas, ou seja, seus comportamentos de realização.

Cabe destacar que, no entanto, essas metas devem ser elaboradas para que o aluno possa tomar posição em relação ao professor e às atividades.

Segundo Callegari (2008), alguns fatores que podem influenciar a motivação são internos, como as características que compõem o perfil do

aluno, tais como: seus gostos pessoais, suas metas, seus objetivos e o conhecimento que tem de si mesmo.

O fator escolar não está ligado ao professor e sim à escola e suas imposições. Exemplos disso são o número de alunos em uma sala de aula, o sistema de avaliação, a quantidade de aulas e disciplinas ofertadas, a estrutura da escola, os tipos de materiais etc. Todos esses fatores podem impactar na motivação do estudante.

O fator relacionado ao professor é o de sala de aula. Nela, o aluno interage com os colegas, conteúdos e com o próprio professor. É o ambiente em que o aluno foca em objetivos. Nesse contexto, o relacionamento com o professor, as atividades desempenhadas e a metodologia utilizada podem também influenciar na motivação.

Temos também o contexto familiar como sendo um fator incontornável, se não, o mais delicado. A família é a responsável pela inserção do aluno na escola, podendo tanto exercer uma postura exigente em relação às notas, esforço e recompensas, como também pode valorizar a aprendizagem.

Por fim, tratamos do fator social. Nele, a motivação pode depender do status social, da relevância de uma determinada disciplina, dos objetivos profissionais do aluno e de rótulos estabelecidos pela sociedade.

Feitas essas considerações acerca dos fatores influenciadores da motivação, sabemos ainda que esses podem influenciar um ao outro. Um fator familiar pode influenciar no fator em sala de aula, por exemplo. Por essa razão é importante compreender que o professor não pode ser visto como o único responsável pela motivação, apesar de exercer um papel importante em sala, já que toma decisões relacionadas a aula constantemente.

Para Revuz (1998), toda tentativa de aprender uma outra língua vem perturbar, questionar e modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras e conhecimento da primeira língua. O aprendizado de uma língua estrangeira (LE) – aqui sinônimo de segunda língua – demanda tempo e esforço, da mesma forma que interfere na estrutura do aluno, uma vez que esse passa também a conhecer uma outra cultura. O sucesso para a aprendizagem de uma língua estrangeira pode estar relacionado tanto a fatores como idade, experiência de vida, habilidades cognitivas, autoconfiança, crenças, valores, entre outros, como também está relacionado à motivação.

Callegari (2008) trata também dos estudos dos canadenses Gardner e Lambert, que são os nomes mais importantes no campo da motivação. Os autores buscaram soluções para entender porque algumas pessoas se adaptam tão bem à aprendizagem de língua estrangeira, de forma rápida e fácil, enquanto outros não conseguem, mesmo que todos consigam alcançar adequadamente a aquisição de uma língua materna (LM). Esse é um estudo interessante, pois se todos adquiriram uma língua materna, ou seja, se esse processo ocorreu satisfatoriamente, então também é possível adquirir uma segunda língua.

Gardner e Lambert (1972), conforme tratado em Callegari (2008, p. 53), iniciaram suas pesquisas na cidade de Montreal, no Canadá, com estudantes que possuíam como língua materna o inglês e estudavam francês como segunda língua. Depois disso, passaram a estudar alunos norte-americanos já falantes do francês como segunda língua. Pensando somente na questão da motivação, os dados da pesquisa mostraram que independente da inteligência do estudante, a motivação vinha do desejo de aprender uma língua nova, das atitudes do professor e do alto desempenho. Sendo assim, é possível afirmar que a figura do professor interfere no estado motivacional do aluno.

## 2.2 ESTRATÉGIAS MOTIVACIONAIS DE CALLEGARI (2008)

Para Callegari (2008), existem 23 estratégias motivacionais que envolvem a língua, o aluno e aprendizagem. Em relação ao nível da língua, encontram-se cinco estratégias (1 a 5), quanto ao nível do aluno tem-se seis estratégias (6 a 11). Já as estratégias que envolvem a situação de aprendizagem são divididas entre as que se relacionam com o professor (12 a 17) e as que se relacionam com o curso (18 a 23). A seguir, passo a apresentar cada uma delas.

A primeira estratégia motivacional é definida por “apresentar componentes socioculturais durante as aulas” (CALLEGARI, 2008, p. 90) e, segundo ela, o conhecimento sociocultural precisa ser desenvolvido junto ao conhecimento linguístico. Dessa forma, durante as aulas o aluno terá um vínculo maior com a língua. Destaca-se ainda a importância de comparar a



segunda língua com a primeira língua para permitir o reconhecimento das diferenças entre elas e para perceber sua identidade.

Algumas vezes professor não ensina aspectos sociais e culturais relacionados a uma língua porque também não os conhece. Por isso, professores não nativos precisam participar de cursos, viagens, fazer pesquisas e cursos para suprir essa falta. Essa recomendação pode ser vista nas palavras da autora:

Claro está que, neste ponto, professores nativos podem levar certa vantagem em relação a professores não-nativos uma vez que, em algum momento, estiveram inseridos no contexto sócio-cultural da língua-alvo. No entanto, professores não-nativos têm como suprir essa “deficiência” através de cursos de atualização, leituras, viagens, pesquisas etc. (CALLEGARI, 2008, p. 89)

A segunda estratégia é a que diz que se deve “trabalhar de forma contrastiva, sempre que necessário” (CALLEGARI, 2008, p. 89) entendendo que o trabalho contrastivo refere-se à comparação entre LE e língua materna (LM). Segundo a autora, o professor precisa partir do conhecimento da LM para chegar na LE (novo conhecimento). Já o aluno precisa evitar interferências da LM sobre a LE. Cabe ao professor mostrar semelhanças e diferenças, a fim de criar afinidade do aprendiz com a língua alvo. Porém, essa modalidade de ensino contrastivo pode se tornar desmotivadora caso ocorra constantemente, precisando ocorrer de modo esporádico.

A terceira estratégia consiste em “colocar os alunos em contato com falantes nativos do idioma” (CALLEGARI, 2008, p.90). Nesse ponto, a autora incentiva o professor a mostrar aos alunos materiais variados como vídeos e músicas para que eles tenham acesso à fala de nativos, mostrando diferentes sotaques e variações linguísticas (regionalismo). Além disso, é possível sugerir sites na internet para que os alunos possam realizar pesquisas sobre esses pontos.

Já a quarta estratégia busca “mostrar a importância da LE no mundo e seu papel na sociedade em que estão inseridos os alunos” (CALLEGARI, 2008, p. 90). Essa estratégia tem por objetivo incentivar os alunos a pesquisarem materiais e também aprenderem com autonomia, possibilitando melhores oportunidades de trabalho no futuro devido ao grande acesso às informações.

Nesse caso, o professor pode levar reportagens, jornais e revistas para sala de aula e, com isso, mostrar a importância de se aprender a L2, incentivando também os alunos a realizarem pesquisas sobre a quantidade de falantes de uma determinada língua, além de atividades para que possam pesquisar os países de origem de grandes empresas, por exemplo.

A estratégia seguinte visa “apresentar mostras variadas da LE” (CALLEGARI, 2008, p. 91) e, sobre isso, Callegari (2008) aponta que é importante que o professor mostre aos alunos variantes diversas sem indicar sua preferência por uma. Os alunos precisam compreender que os idiomas são heterogêneos e atentar para as suas diferenças linguísticas e culturais. A autora comenta que o problema é que muitas vezes os professores não conhecem essas variantes. Nesses casos, recomenda-se que o professor tenha sempre contato com materiais autênticos, próprios da linguística, verificando esses pontos antes de adquirirem determinado material.

A sexta estratégia é a de “trabalhar de forma adequada os sentimentos de autoestima, auto-eficácia e autoconhecimento linguístico de seus alunos” (CALLEGARI, 2008, p. 91). Por autoestima a autora entende se tratar de um “conhecimento sobre ‘eu’, pois experiência de vida ajuda a entender do que somos capazes, o que pensamos sobre nós” (CALLEGARI, 2008, p. 92). A auto-eficácia, explica Callegari (2008), é a opinião sobre a própria capacidade de realizar ações que consigam buscar certos tipos de comportamento. Sobre autoconceito linguístico, a autora afirma se tratar da crença no próprio indivíduo de sua capacidade de aprender uma língua.

Os três fatores mencionados são muito importantes para o aluno, uma vez que aumentam a sua motivação, ajudando-o a se esforçar mais e a aprender uma língua nova. Esses fatores vêm de experiências vividas em outras disciplinas ou em outras línguas, ajudando o aluno a formar uma opinião sobre si mesmo em relação a sua capacidade de aprender uma língua estrangeira. Caso o aluno perceba que consegue aprender uma língua, continuará se esforçando mais para aprender; caso tenha tido uma experiência ruim no passado, o professor deve procurar ajudar a resolver o problema, por exemplo, mudando a dinâmica das atividades.

A estratégia número sete, por sua vez, consiste em “estimular a autonomia dos alunos” (CALLEGARI, 2008, p. 93) e, nessa parte, Callegari

(2008) afirma que o aluno precisa ter autonomia no processo de aprendizagem. Entretanto, a autonomia só é alcançada quando o professor fornece condições favoráveis para que isso aconteça. Alguns autores dizem haver dois tipos de professores em sala de aula: os controladores (trabalham com pressão) e os informativos (trabalham com escolhas). Os professores controladores falam mais, propõem soluções e dão poucas escolhas. Já os professores informativos dão informações, orientações, permitindo a livre escolha por parte do aluno, ajudando-o a atingir a autonomia. Portanto, o professor que colabora para que os alunos tenham autonomia dá a eles possibilidades de escolhas, como por exemplo escolher os conteúdos que serão estudados, as atividades que eles acham mais importantes, com que materiais querem trabalhar, entre outros. A autonomia faz com que o aluno encontre o caminho mais fácil para conseguir fazer suas atividades.

“Propiciar um ambiente agradável, participativo, que diminua a ansiedade” (CALLEGARI, 2008, p. 96) é a próxima estratégia motivacional proposta por Callegari (2008, p. 96). A autora explica que o ambiente deve ajudar o aluno a participar das aulas. Dependendo das escolhas do professor, as aulas podem ter dramatizações, repetições, momentos em que é normal haver falhas. Esses tipos de metodologias podem gerar ansiedade, medo e vergonha nos alunos. Sentimentos como esses devem ser evitados para que o ambiente favoreça a participação dos alunos e o seu progresso. O professor pode ajudar a manter o ambiente confortável para a aprendizagem, criando confiança entre os alunos, observando quais alunos sofrem de ansiedade e em quais situações isso acontece a fim de evitá-las, evitando também competições entre alunos sobre notas e desempenho, ajudando-os a reconhecer os erros e a entender que fazem parte do processo. O professor pode também procurar não distribuir atividades que não são do nível dos alunos e, aos poucos, incentivar que todos se expressem em duplas, depois em grupos, até que toda a sala se sinta à vontade para interagir.

A nona estratégia motivacional que Callegari (2008, p.98) sugere é a de “conhecer o estado linguístico inicial de seus alunos e inferir o seu nível de motivação”. Sobre essa estratégia, a autora explica que o professor deve identificar o nível de conhecimento da língua estrangeira de cada aluno para conseguir preparar atividades que todos consigam entender. Além disso, o

professor também deve perceber que alunos estão motivados. Para isso, o professor deve observar se o aluno participa da aula e se realiza as atividades. O aluno desmotivado não vai ter interesse em participar da aula, podendo inclusive desviar sua atenção de formas variadas, como olhando pela janela durante a aula, por exemplo. Cabe destacar que descobrir o nível de motivação de cada aluno é um trabalho difícil para o professor.

A décima estratégia motivacional de Callegari (2008, p. 99) é a de “tentar transformar parte da motivação extrínseca em motivação intrínseca”, e a autora explica o que é cada uma delas:

[...] entende-se por motivação extrínseca (ou instrumental) aquela dirigida a objetivos exteriores à atividade em si (notas, prêmios, recompensas, atenção do professor, elogios da família, aprovação dos colegas, passar de ano etc.). Já a motivação intrínseca ocorre quando o aluno se interessa em aprender, em praticar os usos e funções da nova língua, em melhorar o seu nível linguístico, em avançar nos estudos. (CALLEGARI, 2008, p. 99)

Nessa perspectiva, entende-se que a motivação extrínseca pode atrapalhar, uma vez que o aluno não tem interesse de verdade em aprender. Se o aluno tem motivação intrínseca, mas o professor continua a dar recompensas, o aluno pode perder a motivação. A autora diz que para evitar que o aluno fique só pensando nas recompensas, o professor pode apresentar atividades desafiadoras, propondo tarefas que sejam obrigatórias antes de passar para o próximo nível e usar recompensas apenas se houver necessidade.

A próxima estratégia é de “reconhecer que a motivação dos alunos é um estado transitório” (CALLEGARI, 2008, p. 101). Nessa parte, a autora afirma que a motivação não é constante e que pode sofrer alterações, podendo ocorrer fatos exteriores que tiram a motivação dos alunos. O professor precisa estar atento e observar os alunos para saber quais os fatos que os desmotivam, procurando perguntar diretamente aos alunos os seus interesses, seus gostos, a fim de criar atividades motivadoras.

A estratégia número doze busca “reconhecer a importância e o poder do seu trabalho no processo de motivação da classe” (CALLEGARI, 2008, p. 102). Isso quer dizer que o professor dentro da sala é muito importante para ajudar a fortalecer a motivação dos alunos. Pode acontecer de os alunos

ficarem desmotivados e que, por isso, o professor se sinta responsável e impotente na sua profissão. Cabe lembrar que é impossível que o professor saiba de todas as situações de cada aluno no contexto familiar, social. Assim, ele deve confiar na sua capacidade de ensinar e tentar manter sempre seus alunos motivados.

A décima terceira estratégia indica que o professor deve “possuir competência comunicativa na língua que ensina” (CALLEGARI, 2008, p. 101). Ora, é sabido que o professor precisa ser fluente na língua que ensina, não basta apenas ter uma boa metodologia. O professor deve falar, conversar, ler, escrever na língua que ensina, para que os alunos interajam e possam aprender a usá-la.

Para além disso, o professor também deve “conhecer a língua materna de seus alunos” (CALLEGARI, 2008, p. 103). Essa estratégia é muito importante pois só assim o professor pode perceber os motivos que levam às dificuldades dos alunos e conseguir, dessa forma, auxiliá-los.

A décima quinta estratégia diz respeito a “elogiar ou repreender os alunos de maneira clara, justa, simples e individualmente” (CALLEGARI, 2008, p. 103). A autora explica que o professor deve sempre dar um *feedback* para seus alunos, porém controlando as críticas e correções, para que o aluno não se sinta afetado de forma negativa. Esse retorno deve ser feito de forma justa, com orientações positivas que ajudem o aluno a se esforçar mais e deve ser feito individualmente para evitar constrangimentos na frente de toda a classe.

Segundo a estratégia dezesseis, se deve “comunicar aos alunos o resultado do seu trabalho o mais rápido possível dando a eles *feedbacks* motivacionais” (CALLEGARI, 2008, p. 104). Isso significa que o professor precisa sempre ter prazos para corrigir trabalhos, evitando que os alunos fiquem inseguros e preocupados. Para ter maior controle, o professor deve evitar distribuir grande quantidade de atividades que não terá tempo para corrigir, deve também fazer correções com comentários curtos e dar um *feedback* periodicamente informando o desempenho de cada aluno.

A próxima estratégia fala sobre a relação do professor com seu trabalho. Callegari (2008, p. 104) afirma “estar, o professor, altamente motivado pelo seu trabalho” e explica que o professor deve estar motivado para que os alunos percebam e se sintam motivados. O professor deve ser dedicado,

satisfeito em lecionar e amar sua profissão, sem se preocupar com o fator financeiro e com o reconhecimento profissional. Porém, a motivação dos professores se deve à macro-influência (influência da sociedade) e a micro-influência (situação do lugar em que trabalhará). Contudo, sabe-se que a motivação dos professores pode diminuir ao passar dos anos, devido a vários fatores como: estresse; desgaste de energia e atenção por trabalharem com crianças e adolescentes; pressão da escola; pelas políticas vindas de órgãos governamentais; sentimento de insuficiência; conhecimento acomodado, sem buscar mais informações e plano de carreira fracassado.

Já a estratégia dezoito se refere a “ter claros e explícitos, para si e para os alunos, os objetivos do curso e das atividades, a concepção de ensino e aprendizagem utilizada e o modelo de avaliação” (CALLEGARI, 2008, p. 106). Isso significa que o professor deve mostrar o que será feito no curso, os objetivos, os tipos de atividades, as formas de avaliação e o formato previsto de suas aulas. Os alunos, tendo essa consciência, podem ser motivados a quererem estar no curso.

A estratégia de número dezenove diz respeito a “atrair em todos os momentos da aula, a atenção do aluno, desafiando-o, despertando sua curiosidade e interesse”. A autora define cada um desses termos da seguinte forma:

[...] podemos inferir que a curiosidade é ativada quando o aluno entra em contato com temas, informações e propostas pelas quais se sente atraído e se mostra interessado em conhecer. O interesse deve vir em seguida à curiosidade, como sinal de sua manutenção. (CALLEGARI, 2008, p. 107)

O professor pode deixar os alunos curiosos se planejar temas diferentes e que sejam fáceis de chamar a atenção. Feito isso, dependendo do nível de curiosidade, o aluno começa a ter interesse e a manter a atenção por toda a aula. O professor deve também ter estratégias como preparar com atenção o início da aula, quebrar o padrão de aula comum (primeiro o texto, depois atividades).

A próxima estratégia é a que diz respeito a “explicar e reafirmar a importância dos conteúdos ensinados (aprendizagem significativa)” (CALLEGARI, 2008, p. 108). O entendimento de Callegari (2008) é de que os

alunos sempre têm perguntas para o professor, que deve estar pronto a respondê-las de forma clara para que os alunos compreendam. Para uma aprendizagem significativa é preciso ter três condições básicas: a) material bem estruturado; b) a estrutura cognitiva do aluno deve ter base conceitual para entender o material; c) aluno motivado.

A estratégia vinte e um é a de “utilizar atividades e materiais didáticos variados” (CALLEGARI, 2008, p. 109). Para a autora, cada aluno tem características pessoais diferentes, podendo gostar de um material e não de outro. Tal material pode motivar um aluno e mal atrair a atenção de outros. Desse modo, o professor deve ter materiais diferentes, com propostas diversificadas, tentando atender às características de cada aluno de uma só vez.

A próxima estratégia motivacional é de “propiciar interação adequada entre os alunos, incentivando as atividades cooperativas mais que as competitivas” (CALLEGARI, 2008, p. 111). Para aprender uma língua estrangeira, alega Callegari (2008), é preciso interagir. A comunicação é o passo fundamental para conhecer o outro e uma outra cultura. Para tanto, é preciso promover a interação, podendo isso ocorrer de duas formas: com atividades cooperativas (alunos colaborando para atingir tal objetivo) e com atividades competitivas (alunos competindo entre si). A segunda atividade é bastante motivadora mas pode causar problemas, caso ocorra de um mesmo grupo sempre liderar, o que pode desmotivar os alunos. Desse modo, as atividades cooperativas têm funcionado melhor, pois ajudam na interação dos alunos.

A próxima e última estratégia, de número vinte e três, consiste em “criar um clima de confiança entre si e os alunos” (CALLEGARI, 2008, p. 113). Nessa parte do texto, a autora afirma que a figura do professor em sala definirá o tipo de comportamento que o aluno terá em relação às aulas. O professor que repreende em toda oportunidade, criará um bloqueio no aluno, por exemplo. O professor deve, portanto, demonstrar ser um orientador que ajudará no processo de aprendizagem, tornando-a mais segura e confiável.

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa-ação é um tipo de investigação muito utilizada na área educacional. Ela se destaca por ser um tipo de pesquisa que envolve uma relação entre pesquisador e pesquisados. A pesquisa ação tem o envolvimento do pesquisador, de forma que ele se insere na pesquisa, buscando aprimorar suas técnicas, por exemplo. Essa inserção é importante para a obtenção de um estudo significativo, pois a pesquisa ação é um tipo de pesquisa participativa dentro de um coletivo.

A pesquisa ação é bastante utilizada em estudos em sala de aula, ambiente em que há interação entre o professor e os alunos. Dessa forma, o professor participa da pesquisa ativamente, desenvolvendo metodologias, aplicando atividades, descobrindo falhas, entendendo o processo de aprendizagem. Com isso, o professor passa a conhecer melhor seus alunos, seus níveis de conhecimento, seus objetivos e até mesmo o nível motivacional que estudamos ao longo deste artigo.

Segundo Barbier (2002), Morin (2004) e Thiollent (2011) conforme citado por Toledo, Giatti e Pelicioni (2012, p. 207):

[...] a pesquisa-ação é entendida como uma estratégia metodológica participativa que articula investigação e ação com o envolvimento direto dos sujeitos da situação investigada, em que, por meio de um processo cíclico de reflexão sobre a pesquisa e a ação, novos conhecimentos são produzidos e buscam-se coletivamente respostas e soluções para os problemas enfrentados.

No ensino de Libras como segunda língua para ouvintes, usamos a estratégia de pesquisa ação em sala de aula, mantendo o diálogo, percebendo o interesse dos alunos, as suas dificuldades e buscando interagir a todo momento para que tivéssemos um estudo real da situação.

A pesquisa foi desenvolvida em um colégio estadual da região metropolitana de Curitiba que oferta o Curso de Formação Docente, em duas turmas distintas. As aulas foram ministradas às sextas-feiras, no turno vespertino, com duração de uma hora e quarenta minutos em cada turma. Em ambas as turmas as estratégias motivacionais de Callegari (2008) foram aplicadas: nível da língua, nível do aluno, nível da situação de aprendizagem, referente ao professor, referente ao grupo.



Para aplicar as sugestões de estratégias didáticas motivacionais de Callegari (2008), planejamos o curso de cinco aulas de forma a criar um ambiente participativo, dinâmico e que favorecesse a aprendizagem. O plano das aulas foi organizado de acordo com níveis motivacionais propostos pela autora e se encontra disponível anexo a este texto. Além do plano de aulas, utilizamos também o diário de bordo no qual eram registradas, semanalmente, todas as ocorrências das cinco aulas.

Ao final do processo de cinco aulas, um questionário foi aplicado para as duas turmas de modo a sondar a respeito dos resultados da aplicação das estratégias didáticas motivacionais sugeridas por Callegari (2008) na visão dos estudantes. Esse questionário de investigação contou com 13 perguntas fechadas (SIM ou NÃO) sobre a disciplina de Libras, com exceção de uma pergunta que era de múltipla escolha. Havia sete perguntas fechadas (SIM ou NÃO) sobre a professora e duas perguntas fechadas (SIM ou NÃO) sobre a turma. Nos três eixos havia espaço para os alunos deixarem comentários. As perguntas contemplavam as estratégias didáticas motivacionais propostas por Callegari (2008). Esse instrumento encontra-se disponível nos Anexos da pesquisa.

Participaram do estudo 43 alunos na faixa etária de 16 anos que consentiram com a pesquisa (TCLE anexo).

#### **4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

Nesta parte buscamos responder à pergunta de investigação do presente estudo que é “quais os resultados da aplicação das estratégias didáticas motivacionais sugeridas por Callegari (2008) ao ensino e aprendizagem de Libras como L2 por ouvintes?”. Para tanto, apresentaremos a análise em uma seção envolvendo o ensino e a aprendizagem e nela vamos triangular os resultados obtidos com a aplicação dos três instrumentos de coleta de dados mencionados anteriormente: os planos de aulas, o diário de bordo e o questionário de investigação.

#### 4.1 AS ESTRATÉGIAS MOTIVACIONAIS DE CALLEGARI (2008) E O ENSINO-APRENDIZAGEM DA LIBRAS COMO L2 PARA OUVINTES

A primeira estratégia de Callegari (2008) se refere ao trabalho com componentes socioculturais no ensino da L2. Para trabalhar com essa estratégia, a professora-pesquisadora planejou aulas expositivas sobre cultura surda por meio da exibição de um vídeo. Além disso, como surda, a professora acionava o interruptor da sala toda vez que precisa chamar atenção dos alunos, explicando, dessa forma, a questão da visualidade para os surdos. Dos 50 alunos que responderam ao questionário, 100% afirmaram terem gostado muito de aprender sobre a cultura surda durante as aulas de Libras. Em suas observações, a professora-pesquisadora percebeu que os alunos gostaram muito desse conteúdo, conforme excerto<sup>3</sup> abaixo que contém a fala de uma aluna:

Professora dá aula e assistir um pouco filme pai surdo e filha ouvinte que os alunos assistirem vídeo quanto tempo 3 minutos. Uma aluna me falou que emocionou e lindo<sup>4</sup>.  
(Diário de bordo – Aula 4 (Dia 24/08/18))

Conforme a segunda estratégia motivacional, que está no nível da língua, o professor precisa mostrar as diferenças ou semelhanças entre a língua materna do aluno e a língua a ser aprendida, buscando evitar que a língua materna influencie na segunda língua. A professora-pesquisadora mostrou quatro exemplos de estruturas sintáticas por meio de apresentação de slides e destacou a importância da expressão facial para a Libras. Em relação à influência da língua, um grupo de alunos foi instruído a fazer uma apresentação em forma de teatro, em que os personagens eram uma mãe e filha surdas e pai e filho ouvintes. Um grupo utilizou placas em português uma vez que não sabiam Libras; outro grupo usou simultaneamente Libras e português oralmente o que fez com que a professora-pesquisadora não

---

<sup>3</sup> Os excertos extraídos do diário de bordo encontram-se tal qual foram escritos pela professora-pesquisadora, que é surda, de modo a manter suas marcas identitárias ao longo do trabalho. Não obstante, em rodapé segue uma versão em língua portuguesa “padrão” a qual o leitor poderá consultar caso não compreenda o excerto original.

<sup>4</sup> A professora estava dando aula e os alunos assistiram – por três minutos – parte de um filme que retrata um pai surdo e uma filha ouvinte. Ao término, uma aluna me falou que se emocionou e que o filme era lindo.

entendesse o contexto. Nesse caso, temos uma clara influência da língua materna sobre a Libras. Pelo questionário, nota-se que todos os alunos gostaram de aprender o contraste entre Libras e Português. Parece que Gardner e Lambert (1972) apud Callegari (2008) têm razão quando explicam que a motivação é a soma do desejo de aprender uma língua nova pelos alunos com as atitudes do professor.

Pelo que propõe a terceira estratégia motivacional de Callegari (2008), o professor precisa dar ao aluno conhecimento sobre um falante nativo a fim de conhecer melhor a língua e seus elementos sociais e culturais. Durante as aulas, isso ocorria frequentemente já que a professora-pesquisadora é surda, o que inclusive, em alguns momentos, gerou alguns problemas de comunicação com os alunos ouvintes. Com relação ao questionário, todos os alunos responderam que gostaram de ter uma professora nativa. Essa estratégia tem relação com outra, a de número 13, que diz que o professor precisa ser fluente na língua que ensina. Nesse caso, a professora-pesquisadora além de ser surda, também é fluente. Sobre as dificuldades de comunicação entre professora surda e os alunos ouvintes, cabe observar o relato do diário de bordo, abaixo:

Professora percebeu que os alunos estão quietos e ansiedade porque alguns os alunos têm dificuldade apresentação e slides que explicar história e os alunos não entendem o que professora dizer simples em Libras que alguns não me chamou nada que professora estava pensando que grupo de trabalho saber fazendo slides simples normal que ela falou que primeiros grupos vão fazer apresentação e professora ajuda os alunos e relação com grupo que alguma desmotivação. Grupo falou para mim que aluno não veio aula porque não trazer pendrive de slides alguns os alunos foi conversar com diretor porque grupo tem dificuldade apresentação de história em Libras, ele me chamou que os alunos adoram que professora que tem dificuldade de aprender em Libras, professora falou que vídeo de história e os alunos assistir e eles não falam nada que pensando que grupo estava não movimento os alunos tem preocupados que deixa se precisa fazer estimular aprender em Libras melhor.. Diretor falou que grupo queria fazer apresentação cancelar pois os alunos estão muito felizes e grupo vão aceita fazer recuperação de apresentação e slides que eles vão esforçar melhor que os alunos pediram me desculpe que não tem problema e professora também pediu. Os alunos chamam que nada professora não sabia que estava muito percebi algumas coisas errado<sup>5</sup>. Turma B -(Diário de bordo – Aula 2 (Dia 10/08/18))

---

<sup>5</sup> A professora percebeu que os alunos estavam ansiosos e quietos, pois alguns alunos têm dificuldades na apresentação com slides sobre a história dos surdos. Os alunos não chamaram a professora para tirar dúvidas, então ela pensou que eles sabiam organizar e disse que podiam começar a apresentação e que ela ajudaria os alunos e descobriria se havia algum aluno desmotivado. Um grupo disse que um aluno não viria e que não teria o

A quarta estratégia de Callegari (2008) explica que o aluno deve conhecer a importância da língua estudada e o papel dela. Com esse objetivo, a professora-pesquisadora usou um vídeo<sup>6</sup> sobre a História dos Surdos, do professor André Nogueira Xavier, a fim de mostrar aos alunos a importância da Libras. Nesse dia, houve um interessante relato de uma aluna, que pode ser lido abaixo:

Depois assistir filme cultura surda, alguém aluna me perguntou que expressão facial e corporal e cultura surda, cada aluna me perguntou que deu certo e falei elogio para aluna está muito simpatia, entendeu bem, uma aluna me perguntou que aluna despertador acordar como trabalhar os surdos que bom perguntou é muito importante que tem filme quando não tem tempo pois é muito rápido aula que alunas tem interesse cultura surda e expliquei cultura surda despertador de vibrador na cama e celular do travesseiro na cama pois os alunos admiram. Alunos queriam minha história curto não tempo pouco semana que vem na sexta feira que eles estão muito curiosidade. Eu interrogar que gostariam de aula hoje alunos falaram que aula maravilhosa.<sup>7</sup> Turma A  
(Diário de bordo – Aula 5 (Dia 31/08/18))

Dos dados colhidos a partir do questionário, observa-se que 98% dos alunos afirmaram entender a importância e o objetivo da disciplina de Libras. Segue trecho de uma resposta retirada do questionário respondido por uma aluna da turma A:

[...] pois é de suma importância para sabermos no nosso dia-a-dia e também para trabalhar com a educação.  
(Aluna 1 da turma A)

---

*pendrive*. Nesse caso, alguns alunos conversaram com o diretor da escola e explicaram a dificuldade que tinham com a apresentação. O diretor conversou com a professora, explicou que os alunos gostavam dela, mas tinham dificuldades em aprender Libras. A professora explicou também que os alunos não a procuraram e que ela queria que os alunos fossem estimulados a aprender. O diretor então explicou que os alunos queriam cancelar a apresentação. Eles ficaram felizes e a professora disse que daria uma nova chance para fazer uma apresentação melhor, com mais esforço. Os alunos se desculparam com a professora e vice-versa. A professora percebeu que havia agido errado em alguns momentos.

<sup>6</sup> Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=c26-NAVnnu4>

<sup>7</sup> Após a turma assistir um vídeo sobre a cultura surda, uma aluna me perguntou se a expressão facial e corporal faziam parte da cultura surda. A cada aluna que fazia uma pergunta, a professora elogiava, já que as alunas haviam entendido bem. Outra aluna me perguntou querendo saber como os surdos acordavam para ir trabalhar, qual despertador usavam. Essas perguntas foram boas e são muito importantes. O tempo era curto e a aula rápida. Algumas alunas tinham interesse sobre a cultura surda e expliquei que os surdos usavam despertador com vibração na cama ou um celular embaixo do travesseiro e as alunas ficaram admiradas. Os alunos queriam que eu contasse minha história, mas o tempo estava acabando e ficou para a próxima aula. Os alunos estavam curiosos. Perguntei se haviam gostado da aula e eles responderam que tinha sido maravilhosa.

No que diz respeito à quinta estratégia proposta por Callegari (2008), o professor deve apresentar materiais que mostrem variações da língua. Em aula, a professora-pesquisadora citou exemplos de variações linguísticas do sinal MÃE utilizado em Curitiba e Porto Alegre e explicou também que há variação na locação do sinal TARDE. Sobre o estudo das variações, os alunos responderam, com unanimidade, que gostaram de aprender sobre isso.

A sexta estratégia motivacional estudada diz que o professor deve trabalhar com os sentimentos de autoestima, auto eficácia e autoconceito linguístico. Para isso, a professora-pesquisadora elogiava os alunos ao final das atividades e dizia que notava o esforço deles. Sobre isso, é possível observar o excerto extraído do Diário de Bordo da professora-pesquisadora:

A professora está na sala de aula que esperando os alunos chegarem, falou saudações e alguns alunos não falou oi (...).é teatro de família para os alunos mostram apresentação foi maravilhoso, professora percebeu os alunos faz teatro de família pais surdas com filho surdo, eles faz libras e oral, professora não entendeu nada que falta interprete de Libras, ela continua deixar teatro depois vou explicar com grupo entendeu teatro. (...) Depois terceiro grupo família mãe surda e pai ouvinte com filho surdo e filha ouvinte estiverem apresentação de teatro de família. Alunas já sabem Libras que aluna tem de esforçar e entender bem, outra aluna só usa placa de escrever após aluna faz segurar placas de cada todos os dias teatro no fim. Os Alunos não conseguem produção em Libras com aluna consegui usa Libras, ajuda com colega e alguns tiver ansiedade e tímido. Quatro grupos família pais ouvintes com filho surda e filha ouvinte estive apresentação de família foi muito bom, alunos não faz alguns sinais. Quarto grupo família pais surdas com filho ouvinte, estiverem a mostrar teatro família simples, alunas estavam muito ansiedade alguma sinalização. Foi muito bom. A professora falou que elogio para os alunos sejam parabéns grupos todos os alunos estiverem muito felizes porque eles têm de esforçar em Libras normal<sup>8</sup>. Turma A.

(Diário de bordo – Aula 4 (Dia 24/08/18))

---

<sup>8</sup> A professora estava na sala de aula, esperando os alunos chegarem, ela cumprimentava, mas alguns não retornavam (...) as apresentações eram um teatro sobre família e foram maravilhosas. Um grupo fez um teatro sobre pais surdos com filho surdo. Eles apresentavam em Libras e oralmente, a professora não entendia muito bem, sentia falta de um intérprete de Libras, mas deixou seguir. No fim da apresentação, ela perguntava se os grupos conseguiram entender. (...) O terceiro grupo apresentou tendo uma mãe surda, um pai ouvinte, um filho surdo e uma filha ouvinte. As alunas se esforçaram e sinalizaram bem. Cada aluna tinha uma placa escrita em português com os dias. Alguns alunos tinham dificuldades com a Libras, uma aluna sabia bem e os ajudava. Alguns alunos eram ansiosos, tímidos. O quarto grupo apresentou pais ouvintes com filho surdo e filha ouvinte, a apresentação estava muito boa e os alunos não usavam alguns sinais. Outro grupo apresentou com pais surdos e filho ouvinte. A apresentação também estava satisfatória, as alunas estavam ansiosas, mas sinalizaram pouco. A professora elogiou os alunos e eles ficaram felizes, pois se esforçaram.

Nesse trecho, podemos observar que na aula do dia 24 de agosto os alunos apresentaram em grupo um teatro sobre familiar surdo. Todos os grupos se esforçaram em sinalizar, ainda que um pouco. Ao final da aula a professora-pesquisadora elogiou o esforço de todos.

A professora-pesquisadora também trabalhava o sentimento de autoestima, auto eficácia e autoconceito dos estudantes por meio do oferecimento de trabalho em grupo. Sobre isso, a resposta dos alunos ao questionário foi a representada abaixo:

GRÁFICO 1 – RESPOSTAS DOS ALUNOS DAS TURMAS A E B DADAS AO QUESTIONÁRIO, NA PERGUNTA SOBRE O TRABALHO EM GRUPO



Fonte: A autora (2018)

A sétima estratégia metodológica afirma que o professor deve trabalhar com condições que propiciem autonomia aos alunos. Assim, a professora-pesquisadora dividiu as classes em cinco grupos cada e distribuiu uma profissão a cada um, pedindo para que os alunos fizessem uma encenação com sinais da Libras da área escolhida e que deveriam treinar em casa antes de apresentar. A respeito de treinar as atividades antes da apresentação, apenas três alunos não gostaram.

Nos voltamos para a oitava estratégia de Callegari (2008) segundo a qual o ambiente deve dar ao aluno uma sensação agradável, convidando-o a ser participativo e que diminua sentimentos negativos. Seguindo a teoria, a professora-pesquisadora pediu para que os grupos fossem formados pelas relações amigáveis que tinham pelos colegas e não deu destaque a erros cometidos nas apresentações. Ainda assim, conforme consta no diário de

bordo da aula 1, houve reclamação em relação às pessoas do grupo que não colaboravam com os trabalhos:

Que ela falou para mim que não gosta de grupo porque alguns não fazer trabalho ninguém<sup>9</sup>.

Aluna G da Turma A

(Diário de bordo – Aula 1 (Dia 03/08/18))

Além disso, também houve um pedido ao diretor da escola que conversasse com a professora-pesquisadora a respeito da apresentação de História dos Surdos pois a insegurança de sinalizar predominava entre os alunos. No questionário, a turma B assinalou que todos tinham uma relação amigável e de confiança entre os alunos. Já na turma A, dos 23 alunos que responderam, 15 deles não mantinham relações amigáveis.

A nona estratégia afirma que o professor deve saber em qual nível linguístico seus alunos se encontram e também o seu nível de motivação. Sobre o nível linguístico, a professora-pesquisadora dava notas ao grupo e não individualmente; e sobre a motivação, ela ficava atenta aos comportamentos dos alunos. Sobre isso, destaca-se o excerto extraído do diário de bordo:

Professora dá aula e assistir um pouco filme pai surdo e filha ouvinte que os alunos assistirem vídeo quanto tempo 3 minutos. Uma aluna me falou que emocionou e lindo. A professora Libras que percebeu alguns alunos não assistirem vídeo, mas eles estão viciados de celular e ela chamou aluno falou o que vídeo porque não assistiu vídeo.<sup>10</sup>

Turma B

(Diário de bordo – Aula 4 (Dia 24/08/18))

Vê-se, por meio do relato, que a professora-pesquisadora passou um vídeo e percebeu que alguns alunos estavam ao celular, sem dar a devida atenção à atividade. Essa situação vai ao encontro do que já pontuou Marchesi (2004) sobre o fato de que muitos alunos prefeririam não ir à aula. Nesse mesmo dia, cada grupo apresentou em conjunto; alguns alunos conseguiam produzir em Libras e ajudavam os demais. Sobre essa questão, dentre as duas

---

<sup>9</sup> Uma aluna falou que não gostava de fazer trabalho em grupo, pois ninguém ajudava.

<sup>10</sup> A professora deu aula e exibiu um trecho de filme sobre um pai surdo e filha ouvinte. O vídeo possuía 3 minutos. Uma aluna disse que se emocionou e que o filme era lindo. A professora percebeu que alguns alunos não assistiram o vídeo pois estavam usando o celular e ela chamou a atenção e perguntou o porquê de não assistirem ao vídeo.

turmas, com um total de 43 alunos, apenas seis assumiram que seus comportamentos indicavam falta de interesse pela disciplina.

Sobre a décima proposta, que trata da motivação intrínseca e extrínseca, o professor deve focar em motivar o aluno por outros meios que não recompensas, a ponto de fazer a motivação surgir por vontade própria. A professora-pesquisadora buscou elogiar os estudantes várias vezes a fim de motivá-los, assim, notou-se que os alunos se interessaram mais pela atividade avaliativa. Conforme já visto em excerto do diário de bordo, todos os grupos que fizeram a apresentação foram elogiados pela professora-pesquisadora. Em relação aos elogios, a maioria dos alunos assinalou no questionário que a professora-pesquisadora elogiou e corrigiu com clareza e simplicidade.

Em relação à estratégia número onze, que propõe que a motivação dos alunos pode variar devido a fatores externos à sala de aula, a professora-pesquisadora ficou alerta a comportamentos diferentes durante as aulas. Tal situação ocorreu na aula 1, em que uma aluna demonstrava tristeza e chorava. Segue trecho extraído do Diário de Bordo:

Professora percebeu uma aluna que está muito triste e chorando, pois, falou para mim que irmão dela já foi embora, viajando de avião que mora em Espanha porque trabalhar lá e professora acalma que conversar com ela e colega ajuda ela. <sup>11</sup>Aluna F da Turma B (Diário de bordo – Aula 1 (Dia 03/08/18))

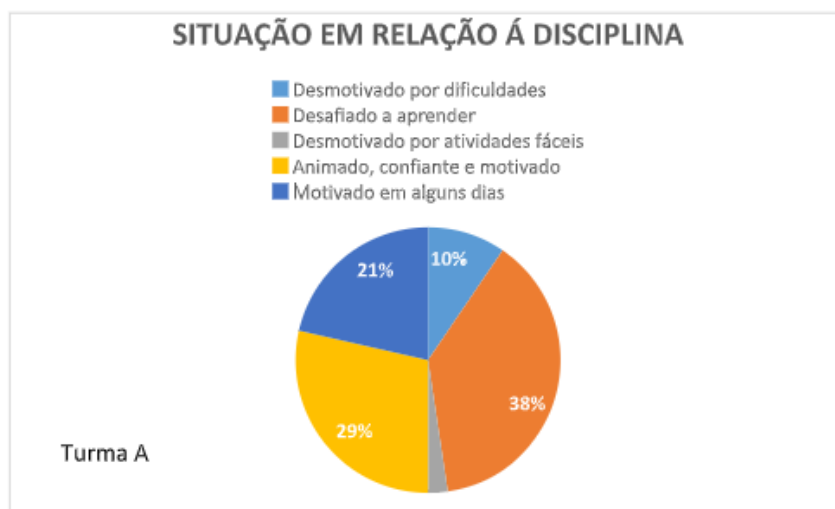
A décima segunda estratégia metodológica de Callegari (2008) afirma que o professor é responsável pela motivação do aluno em sala de aula e não fora dela. Caso o aluno esteja desmotivado por outros fatores para além do ambiente escolar, o professor não deve se sentir responsável. Partindo disso, a professora-pesquisadora procurava dar atenção especial aos alunos que a procuravam para tratar de assuntos referentes à disciplina, já que eram muitos alunos no total. Sobre essa questão da motivação dos alunos, obtivemos as seguintes respostas ao questionário:

---

<sup>11</sup> A professora percebeu que uma aluna estava triste e chorando. A aluna explicou que o irmão havia ido embora para a França à trabalho. A professora conversava com calma e uma colega ajudava.



GRÁFICO 2 – RESPOSTAS DOS ALUNOS SOBRE A MOTIVAÇÃO EM RELAÇÃO À DISCIPLINA DE LIBRAS



Fonte: A autora (2018)

Há também o trecho a seguir extraído da resposta da aluna 17 da turma B:

Tenho muito interesse e quero aprender cada vez mais, porém não tenho tanta habilidade, mas tento superar minhas dificuldades.  
(Aluna 17 da turma B)

Na estratégia motivacional de número quatorze, Callegari (2008) declara que é preciso saber a língua materna dos alunos para localizar dificuldades e ajudá-los. Para isso, a professora-pesquisadora usou de exemplos contrastivos para ensinar as diferenças linguísticas. Na aula 2, uma aluna procurou a professora-pesquisadora a fim de tirar dúvidas sobre os sinais e o alfabeto manual, escrevendo o nome (português) e a sinalização; sobre isso, a professora-pesquisadora soube dar-lhe a devida resposta:

Que percebeu os alunos agitação de estudar em Libras que alguns dependem os alunos não tem vontade de aprender Libras, alguém aluna me chamou que sinal como ajudar ela e também alfabeto manual em palavras alguns escrever de nome e sinalização.<sup>12</sup>

Turma A  
(Diário de bordo – Aula 2 (Dia 10/08/18))

<sup>12</sup> A professora percebeu que alguns alunos estavam inquietos para aprender Libras e que alguns não tinham interesse. Uma aluna pediu ajuda sobre um sinal, o alfabeto manual e escrevia a palavra junto com a sinalização.

Quando os alunos foram perguntados a respeito dos conhecimentos em língua portuguesa da professora-pesquisadora apenas um aluno assinalou a resposta negativa.

Na décima quinta estratégia, a autora propõe que o professor deve elogiar ou repreender os alunos de forma simples, clara e individualmente. Em aula, a professora-pesquisadora buscava verificar o conteúdo apresentado e elogiava o grupo, já que não era possível fazer *feedback* individual devido à quantidade de alunos. Porém, podemos ver nos diários que a docente elogiou as apresentações em grupo. No questionário, apenas um aluno disse que a professora não dava *feedbacks*.

Para seguir a proposta número dezesseis, sobre o professor ter responsabilidades frente ao prazo das atividades e da entrega das notas e, depois disso, fazer um *feedback* motivacional, a professora-pesquisadora procurava dar retorno todas as semanas com as notas, já que as atividades só eram entregues após um trimestre. Nesse momento, é possível justificar a postura da docente a partir da compreensão de Caturla Fita (2000), que explica que a motivação intrínseca é mais vantajosa do que motivação extrínseca, que diz respeito a receber notas e recompensas.

Em relação à estratégia dezessete, o professor deve estar motivado, demonstrando interesse pelo seu trabalho. A motivação do professor pode depender de vários motivos como influência da sociedade ou o seu local de trabalho. Sobre isso, a motivação da professora-pesquisadora era grande por ser a primeira vez que trabalhava na área com um grande número de alunos. No questionário, apenas um aluno disse que observava que professora-pesquisadora não parecia motivada nas aulas. Segue trecho extraído do questionário da aluna 8 da turma A:

Ela está sempre alegre e disposta a nos ajudar e a ensinar com uma dedicação e simpatia.  
(Aluna 8 da turma A)

A estratégia motivacional de número dezoito indica que o professor deve mostrar o objetivo do curso, as formas das atividades e o método de avaliação. Em razão disso, a professora-pesquisadora seguiu a proposta de apresentar o curso e seu processo ao longo da disciplina. Também fez uma

autoavaliação sobre si mesma. Em relação a esse tema (se os alunos conheciam o objetivo da disciplina), toda a turma B assinalou a resposta “SIM”. Já na turma A, de 23 alunos, apenas dois afirmaram não saber o objetivo. Sobre esse ponto, segue comentário de uma das alunas da turma A:

Porque estou me formando como profissional da educação e nessa área é fundamental o conhecimento de Libras”.  
(Aluna 15 da turma A)

Sob a perspectiva da décima nona proposta, entende-se que, em sala de aula, deve-se buscar a atenção do aluno com o objetivo de criar desafios, atizando a curiosidade e despertando seu interesse. Com isso, a professora-pesquisadora usou o tema “FAMÍLIA” em sua atividade. Nesse momento, foi exibido filme que retrata o pai surdo com sua filha ouvinte, o que fez, inclusive, com que um dos alunos expressasse emoção após a exibição do filme. Na aula 5, após um vídeo sobre Cultura Surda, os alunos queriam que a professora-pesquisadora contasse um pouco da sua história, mas não houve tempo. No que diz respeito a esses e outros temas relativos a aspectos culturais, os alunos, no questionário, indicaram serem esses muito importantes. A partir do trecho a seguir, é possível observar o que foi trabalhado pela professora-pesquisadora e a reação dos alunos frente a esses pontos:

[...] pois vamos conhecer sobre cultura surda, eu perguntei que busca as alunas que gostaria de saber cultura surda que aluna me perguntou que visual em Libras, comunicação com surdos, Libras e língua de português, campanha da lâmpada de luz, antes usei isso que alunos já sabiam este. Depois assistir filme cultura surda, alunos me falarem que muito legal.<sup>13</sup>

Turma B  
(Diário de bordo – Aula 5 (Dia 31/08/18))

Desse trecho, nota-se, a partir do comportamento dos alunos, que a motivação foi alcançada, tal qual aponta Bzuneck (2001), ou seja, o desenvolvimento de uma atividade interessante despertou curiosidade e atenção dos estudantes. Além disso, corrobora a Revuz (1998) que aponta que

---

<sup>13</sup> [...] Vamos conhecer sobre a cultura surda. Eu perguntei quem gostaria de falar sobre cultura surda e uma aluna perguntou se era composta pelo aspecto visual, a comunicação entre surdos, Libras e Português, campanha em forma de lâmpada. A professora já havia explicado e os alunos já sabiam. Depois, assistiram um filme sobre a cultura surda e disseram que era muito legal.

uma nova língua mexe com a estrutura do aluno já que ele passa a conhecer uma outra cultura.

Tratamos, em seguida, da vigésima proposta que explica que os materiais devem ser bem elaborados de forma a dar ao aluno uma aprendizagem significativa. Nesta pesquisa, os materiais selecionados englobavam principalmente a cultura surda, já que os formandos podem futuramente trabalhar com crianças surdas. Na última aula registrada, após assistir um vídeo sobre a cultura surda, uma aluna questionou se expressão facial e corporal faziam parte da cultura, momento em que a professora-pesquisadora a elogiou, pois ela estava certa e havia compreendido adequadamente o vídeo. Quando questionados se os materiais didáticos auxiliavam na aprendizagem, os alunos de ambas as turmas concordaram que sim.

Ainda sobre a questão dos materiais e partindo da vigésima primeira estratégia, que aponta que os materiais devem ser variados uma vez que cada aluno tem preferências diferentes, o professor deve, portanto, buscar atividades que possam estimular a todos. Assim, a professora-pesquisadora utilizou vídeos, filmes, slides, dinâmicas, dentre outros recursos pedagógicos em todas as aulas, variando apenas no conteúdo.

Seguimos para a vigésima segunda estratégia que entende que as atividades devem ser mais cooperativas, exigindo que os alunos trabalhem em grupo, viabilizando maior interação. Nesta pesquisa, o método da professora-pesquisadora corresponde à teoria, já que realizou constantemente atividades em grupo. Porém, conforme observado na aula 1, a aluna G da turma A comentou que não gostava de trabalhar em grupo por falta de cooperação. No questionário aplicado, a turma B disse que considerava boa a interação entre a turma durante as atividades. Por outro lado, na turma A, três alunos marcaram que não. Segue trecho extraído do questionário da aluna 26 da turma B:

No início, os alunos não estavam confiantes, porém, ao decorrer as aulas os alunos começaram a se soltar.  
(Aluna 29 da Turma B)

Finalmente, no que tange a última estratégia, sobre se estabelecer uma relação de confiança entre professor e aluno, a professora-pesquisadora

buscou manter uma postura amigável com os alunos, aceitando, por exemplo, negociar alteração da data da apresentação de uma dinâmica proposta. Tal atitude está em conformidade com Miller e Ferreira (1967) que apontam que a motivação descreve o comportamento dirigido a objetivos, nesse caso, tanto dos alunos quanto da professora. Vejamos o trecho a seguir retirado do questionário da aluna 13 da turma A:

A professora é dedicada e muito paciente, sempre nos auxiliando e tirando dúvidas".  
(Aluna 13 da turma A)

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em relação às estratégias motivacionais referentes ao nível da língua, obtivemos resultados muito positivos, uma vez a professora ensinou questões culturais, deu exemplos de variações linguísticas, fatos esses de grande importância para os alunos, que demonstraram satisfação em aprender. A professora também observou que os alunos começaram a compreender melhor a estrutura da Libras, conseguindo separar, mesmo que como iniciantes, a língua materna da língua alvo, um passo importante para o aprendizado. Percebemos também que os alunos gostaram de ter contato com uma professora nativa, havendo, inclusive, relato de um deles afirmando ter se sentido motivado devido à identidade surda da professora. Nesse caso, a identidade surda da professora era refletida nos alunos, os fazendo fixar na aula em alguns momentos.

Da mesma forma, no que se refere às estratégias motivacionais referentes ao nível do aluno, a aplicação apresentou ótimos resultados já que, no que tange os conceitos de autoconceito linguístico, os alunos responderam por escrito que gostavam da Libras, mas que possuíam dificuldades com a disciplina. Esses alunos demonstravam conhecer a si mesmos e sobre seu processo de aprendizagem de uma nova língua, indicando também que tinham auto-eficácia. Esse fato é importante uma vez que auxilia o professor a identificar quais alunos têm maior facilidade em aprender de modo melhor e mais rápido, podendo formular estratégias que beneficiem toda a turma. Portanto, quanto à recomendação pedagógica, proponho que depois de um

período em contato com a Libras, possa ser emitido um questionário de auto avaliação do aluno em relação à língua, com perguntas específicas visando descobrir quais as maiores dificuldades, para que os alunos construam seu autoconceito linguístico e auto-eficácia, além de ajudar a professora a descobrir o nível motivacional de cada um deles.

Sobre dar maior autonomia aos alunos para fazerem escolhas em trabalhos e atividade, apenas três alunos afirmaram não terem gostado desse fato. Em comparação, quando os alunos afirmam sentirem-se inseguros nas apresentações, percebemos que demonstraram satisfação de poderem treinar em casa, ou seja, por terem autonomia para preparar seu trabalho em um ambiente confortável, como a própria casa. Nesse ambiente, eles não precisariam ter vergonha, medo de serem corrigidos e ninguém veria suas falhas. Em sala, essas questões eram recorrentes quando o momento de apresentação chegava, o que ocorria porque a sala possuía muitos alunos e o aluno se sentia, por isso, pressionado. As apresentações contribuíram para que a professora pudesse conhecer o nível linguístico dos alunos e passar a preparar atividades que melhor se encaixassem com eles, verificando também que alunos estavam desmotivados.

Durante a aplicação das estratégias de Callegari (2008), uma falha foi exigir muitas apresentações como atividades, o que levou os alunos a assumirem um esforço maior do que seu nível linguístico. Uma outra forma que poderia ser utilizada nesses casos é a de expor os alunos à língua de outras maneiras que não a apresentação, como por meio da exibição de diálogos em vídeo, para que os alunos pudessem praticar a compreensão da língua sem ser frente a turma, por exemplo. Passado o processo de compreensão, é possível solicitar aos alunos que produzam em Libras, pensando também em uma atividade compatível com o seu aprendizado. Sobre a motivação intrínseca e extrínseca dos alunos, a professora observou que a maioria dos alunos parte da motivação extrínseca, ou seja, por interesses.

Finalmente, no que tange às estratégias motivacionais referentes ao nível da situação de aprendizagem – relacionadas ao professor – observou-se um atingimento da 4 das 5 propostas por Callegari (2008). Apenas os *feedbacks* foram adaptados em função do número elevado de alunos por turma, o que inviabilizava a realização dos *feedbacks* individuais. Porém,

quando os grupos encerravam suas apresentações eram elogiados pela professora, que os corrigia de forma simples. Os *feedbacks* em grupo faziam com que os alunos pudessem identificar quem dominava mais, passando a estar sempre presentes no mesmo grupo, para que isso pudesse ser ajudado pela professora.

As estratégias que se relacionam ao curso foram todas atendidas satisfatoriamente uma vez que, inclusive, observamos em relatos nos diários que os alunos conheciam bem a disciplina e estavam interessados no curso da forma que é (motivação intrínseca) e não por interesses pessoais, por isso alcançavam tais resultados. É compreensível que essa motivação seja recorrente em sala, já que a disciplina não foi ofertada como uma optativa, sendo ela obrigatória na grade curricular do curso de Formação Docente. As estratégias que dizem respeito ao grupo, por sua vez, acabaram sendo prejudicadas devido ao fato de que a professora-pesquisadora percebeu que os próprios colegas interferiam no andamento do curso, já que nas duas turmas havia queixas em relação aos trabalhos em grupo. O fator sala de aula era influenciado por ele mesmo. Há possibilidade de realizar pesquisas posteriores em relação a esse tema, já que a teoria afirma que fatores fora do contexto geram interferência no processo.

Dito isso, é possível afirmar que a motivação tem um papel importante na aprendizagem, podendo ser compreendida como um processo que gera contribuições para a aquisição de novos conhecimentos pelos alunos. Além disso, inferimos que o professor pode lançar mão das estratégias motivacionais propostas por Callegari (2008) a fim de trabalhar com o ensino de Libras como segunda língua para alunos ouvintes.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 22 dez. 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acesso em: 25 ago. 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 25 ago. 2018.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007. Brasília, DF. Disponível em: <[http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica\\_nacional\\_educacao\\_especial.pdf](http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf)>. Acesso em: 25 ago. 2018.

BZUNECK, J. A. **A motivação do aluno**. Contribuições da psicologia contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2001. 183p.

CALLEGARI, M. O. V. **Motivação, ensino e aprendizagem de espanhol: caminhos possíveis**. Análise e intervenção num Centro de Estudos de Línguas de São Paulo. Tese (Dourado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CATURLA FITA, E. O professor e a motivação dos alunos. In: ALONSO TAPIA, J.; CATURLA FITA, E. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz**. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000. p. 63-148.

FREIRE, E. L.; MOURA, A. A. de; FELIX, N. M. Escolas Bilíngues para surdos no Brasil: uma luta a ser conquistada. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, p. 1283-1295, nov. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/10172>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

MARCHESI, A. Os alunos com pouca motivação para aprender. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. Tradução Fátima Murad. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. vol. 3.

MILLER, F.; FERREIRA, M. L. Motivação da aprendizagem. **Cadernos de Educação**, n. 2, Belo Horizonte, p. 3-11, 1967.

MONTEIRO, S. S. et al. Língua brasileira de sinais - LIBRAS na formação de professores: o que dizem as produções científicas. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 7, n. 4, p. 120-128, set. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/6292/4702>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. Tradução de Silvana Serrani-Infante. In: SIGNORINI, I. **Língua(gem) e Identidade**. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 213-230.

TOLEDO, R. F. de; GIATTI, L. L.; PELICIONI, M. C. F. Mobilização social em saúde e saneamento em processo de pesquisa-ação em uma comunidade indígena no noroeste amazônico. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 207.



Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v21n1/20.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

## ANEXO 1

### PLANOS DE AULAS DA DISCIPLINA DE LIBRAS

Planos de aulas da disciplina de Libras Professora: Rosane		
Objetivo	Detalhamento das ações	Conteúdos estruturantes da disciplina.
Desenvolver as estratégias motivacionais referentes ao nível da língua	<p>1) Para apresentar os componentes sócio culturais da comunidade surda, a professora se utilizará de aulas expositivas e, como surda, acionará o interruptor da sala toda vez que precisar chamar atenção dos alunos. Assim, explicará a questão da visualidade para os surdos.</p> <p>2) Para trabalhar de forma contrastiva, a professora utilizará de recursos como projeção de slides e nesses demonstrará 4 exemplos de estruturas sintáticas distintas entre a Libras e a língua portuguesa. Como exemplo, explicará que em Libras apenas os sinais MENIN@ BONIT@ são suficientes para expressar a sentença “o menino é bonito” e reiterou a importância da expressão facial para marcação dos tipos de frases.</p> <p>3) O contato dos alunos com falante nativo do idioma Libras será garantido em todas as aulas, uma vez que a professora da disciplina é surda.</p> <p>4) A estratégia de demonstrar a importância da língua estrangeira no mundo e o papel do aluno na sociedade, será adaptada para a realidade surda, ou seja, a professora exibirá um vídeo do professor André Xavier (com interpretação em Libras) sobre a História dos Surdos de modo que os alunos, tendo compreensão dos fatos ocorridos, possam entender a importância da Libras para o surdo bem como adotar atitudes positivas em relação a essa minoria.</p> <p>5) Para trabalhar com mostras variadas da língua, a professora inserirá diferentes sinais regionais durante as interações (como PAI e MÃE em Curitiba e Porto Alegre). Além disso, ensinará as variantes sociais como no caso do sinal TARDE como locução inicial no queixo ou no espaço neutro.</p>	<p>1) Abordar o item 5.2 que trata sobre os aspectos culturais da comunidade surda.</p> <p>2) Abordar os itens 4 e 6 que tratam sobre aspectos linguísticos da Libras e uso das expressões faciais.</p> <p>3) A estratégia 3 não se assenta na proposta de conteúdos.</p> <p>4) Abordar os conteúdos 2.1, 2.2 e 2.3.</p> <p>5) Abordar o item 6.4 que trata sobre variações regionais.</p>

Desenvolver as estratégias motivacionais referentes ao nível do aluno	<p>6) Para trabalhar os sentimentos de autoestima, auto-eficácia e autoconceito de seus alunos, a professora adotará uma postura bastante elogiosa a cada realização de atividade expostas à frente (como teatros sobre a História de Surdos, por exemplo), buscando sorrir e demonstrar satisfação e expressar o sinal de PARABÊNS! Ao final da apresentação de todos os grupos, a professora, se dirigirá à turma incentivando e dizendo que tem notado o esforço e a vontade dos alunos em aprender Libras.</p> <p>7) A fim de estimular a autonomia dos alunos, a professora solicitará que eles se dividam em 5 grupos e entregará uma profissão a cada um deles (médico, professora, policial, bombeiro, motorista). Os alunos deverão se reunir em casa e treinar uma encenação, utilizando-se de sinais da Libras, que identifiquem a profissão em destaque no grupo.</p> <p>8) Para propiciar um ambiente agradável, participativo e que diminua a ansiedade, a professora pedirá que os grupos de trabalho para as dramatizações (constantes nas aulas de Libras) sejam organizados por afinidades e amizades, sem considerar a quantidade de alunos. Além disso, de modo a evitar constrangimentos, a professora não dará destaque a erros cometidos pelos alunos durante as apresentações.</p> <p>9) Para inferir o nível linguístico dos alunos, a professora atribuirá nota ao grupo e não individualmente. Para inferir o nível de motivação, a professora sempre estará atenta aos sinais de comportamento demonstrado pelos alunos, tanto de distração, como inclinação de cabeça na carteira, conversas paralelas, uso de celular e outros, quanto de demonstração de interesse, com perguntas, elogios e expressão de sentimentos positivos direcionados à professora</p> <p>10) Para tentar transformar a motivação extrínseca em intrínseca, a professora buscará elogiar os alunos, uma vez que naturalmente os alunos se interessam pelas atividades avaliativas mas mudam o foco quando começam a querer saber de maneira mais aprofundada sobre o assunto.</p> <p>11) Para dar conta de perceber que a motivação dos alunos é um estado transitório, a professora permanecerá atenta às reações fisiológicas (sentir calor e sono durante a aula) e emotivas (chorar e maquiar-se durante a aula) dos alunos.</p>	<p>6) A estratégia não se assenta na proposta de conteúdos.</p> <p>7) A estratégia 7 atende ao conteúdo de conversação e diálogo dado no item 6.</p> <p>8) A estratégia não se assenta na proposta de conteúdos.</p> <p>9) A estratégia não se assenta na proposta de conteúdos.</p> <p>10) Estratégia percebida no conteúdo 5.2, que trata sobre cultura surda.</p> <p>11) Estratégia ocorre durante todos os conteúdos.</p>
Desenvolver as estratégias motivacionais referentes ao nível da situação de aprendizagem	<p>Relacionadas ao professor</p> <p>12) Tratar da motivação dos alunos que mais a procuram a professora, já que as turmas são muito numerosas (31 e 32 alunos, respectivamente) e não é possível motivar a todos a fim de lidar com a necessidade de reconhecimento da importância e o poder do seu trabalho no processo de motivação da classe, a professora procurará</p> <p>13) Possuir competência comunicativa na língua que ensina, fato vinculado à estratégia 3, já que a professora é surda e fluente em Libras.</p> <p>14) Demonstrar conhecimento da língua materna dos alunos, a partir de exemplos contrastivos (estratégia número 2), por exemplo afirmando que em Libras não se usa ESTÁ, MUITO.</p> <p>15) Verificar o que foi apresentado com o conteúdo já ensinado, sempre de forma interativa para lidar com elogio e repreensão aos alunos de maneira clara, justa, simples. Não é possível fazer <i>feedback</i> individual devido ao grande número de alunos.</p> <p>16) Dar retorno semanal das provas realizadas, pois as atividades são somativas e entregues somente após um trimestre.</p> <p>17) A alta motivação da professora deve-se ao fato de ser a primeira vez que trabalha em contexto de escola regular com tantos alunos e por gostar muito de dar aula, apesar de ter clareza das dificuldades do trabalho.</p>	

	Relacionadas ao curso	<p>18) Apresentar com clareza os objetivos do curso, das atividades, da concepção de ensino e das avaliações. Para estudar, a professora utiliza-se de uma tarde (13h às 16h30) durante o mês para planejamento das suas atividades pedagógicas e se avalia constantemente, percebendo algumas falhas em si.</p> <p>19) Atrair a atenção e curiosidade dos alunos, a partir da utilização de temas interessantes como FAMÍLIA.</p> <p>20) Reafirmar a importância da comunicação em Libras bem como do conhecimento da cultura surda uma vez que os alunos, ao estarem formados, poderão dar aula para crianças surdas.</p> <p>21) Utilizar vídeos, filmes, slides, atividades em papel, jogos dramáticos, dinâmica.</p>	18) Essa estratégia está de acordo com a proposta de conteúdo citada no item 4.2.
	Relacionadas ao grupo	<p>22) Priorizar trabalhos em grupos</p> <p>23) Desenvolver uma postura que ajuda o desenvolvimento da confiança por meio de um clima amistoso em sala de aula.</p>	

## ANEXO 2

### QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS

#### SOBRE A DISCIPLINA DE LIBRAS

1) Você acha que ter a disciplina de Libras no seu curso é importante?

( ) SIM ( ) NÃO

Explique \_\_\_\_\_

2) Você sabe quais são os objetivos da disciplina de Libras? ( ) SIM ( ) NÃO

3) Você tem interesse pela disciplina de Libras? ( ) SIM ( ) NÃO  
Por quê?

4) Você acha que os conteúdos ministrados durante a disciplina de Libras são importantes?

( ) SIM ( ) NÃO

5) Você acha que os materiais didáticos utilizados na disciplina contribuem para seu aprendizado?

( ) SIM ( ) NÃO

- 6) Você gostou de aprender sobre Cultura Surda durante aulas de Libras? ( ☐ ) SIM ( ☐ ) NÃO
- 7) Você gostou de aprender a diferença entre a Libras e a língua portuguesa? ( ☐ ) SIM ( ☐ ) NÃO
- 8) Você gostou de aprender as variações linguísticas que existem na Libras? ( ☐ ) SIM ( ☐ ) NÃO
- 9) Você gostou de fazer bastante trabalho em equipe na disciplina de Libras? ( ☐ ) SIM ( ☐ ) NÃO
- 10) Você gostou de poder treinar as atividades em casa antes de apresentá-las em sala?  
( ☐ ) SIM ( ☐ ) NÃO
- 11) Como você se sente em relação à disciplina de Libras? (permitido marcar mais de uma alternativa)
- ( ☐ ) Desmotivado, pois tenho muita dificuldade;
- ( ☐ ) Desafiado a aprender cada vez mais;
- ( ☐ ) Desmotivado, pois as atividades são muito fáceis;
- ( ☐ ) Bastante animado, confiante e motivado;
- ( ☐ ) Tem dias que estou mais motivado que outros.
- Explique \_\_\_\_\_

- 12) Você acha que seu comportamento durante as aulas de Libras demonstrou seu interesse pela disciplina? ( ☐ ) SIM ( ☐ ) NÃO
- 13) Você acha que as notas das atividades são importantes para motivá-lo na aprendizagem da Libras?  
( ☐ ) SIM ( ☐ ) NÃO
- Comentários sobre a disciplina
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

#### SOBRE A PROFESSORA DE LIBRAS

- 1) Você gostou de ter aula de Libras com uma professora surda?  
( ☐ ) SIM ( ☐ ) NÃO
- 2) Você acha que a professora dá valor ao seu trabalho? ( ☐ ) SIM ( ☐ ) NÃO
- 3) Você acha que a professora tem competência comunicativa em Libras?  
( ☐ ) SIM ( ☐ ) NÃO
- 4) Você percebe que a professora tem bom conhecimento da língua portuguesa?  
( ☐ ) SIM ( ☐ ) NÃO
- 5) Você percebe que a professora elogia ou corrige os alunos de forma clara e simples?  
( ☐ ) SIM ( ☐ ) NÃO
- 6) Você acha que a professora deu *feedbacks* de atividades rapidamente?  
( ☐ ) SIM ( ☐ ) NÃO
- 7) Você percebe que a professora está motivada para dar aula de Libras?  
( ☐ ) SIM ( ☐ ) NÃO
- Comentários \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

---

---

### SOBRE A TURMA

- 1) Você interage bem com sua turma durante a realização das atividades?  
(    ) SIM    (    ) NÃO
- 2) Você percebe que há um clima amigável e confiável entre os alunos?  
(    ) SIM    (    ) NÃO

Comentários \_\_\_\_\_

---

---

---

## ANEXO 3

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

EU \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ RG    Nº \_\_\_\_\_ estou    sendo

convidado a participar do estudo **ENSINO E APRENDIZAGEM DE LIBRAS COMO L2 PARA OUVINTES: A MOTIVAÇÃO EM ANÁLISE** que é o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC de Rosane Gowacki de Moraes, aluna do Curso de Letras Libras da UFPR. O objetivo da pesquisa é realizar uma análise com dois grupos do curso de formação de docentes a fim de averiguar os resultados da aplicação das estratégias didáticas motivacionais sugeridas por Callegari (2008) ao ensino e aprendizagem de Libras como L2 por ouvintes.

Sei que para o avanço da pesquisa a participação de voluntários é de fundamental importância. Caso aceite fazer parte desta pesquisa, responderei um questionário de investigação.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome, ou qualquer outro dado confidencial será mantido em sigilo. A elaboração final dos dados será feita de maneira codificada, respeitando o imperativo ético da confidencialidade.

Estou ciente de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, nem sofrer qualquer dano.

A orientação do TCC é da professora da UFPR, Lídia da Silva, e Rosane Gowacki de Moraes a autora e com as quais poderei entrar em contato pelos telefones: (41) 9920-9547 e (41) 98841-2836.

Estão garantidas todas as informações que eu queira saber antes, durante e depois do estudo. Li, portanto, este termo, fui orientado quanto ao teor da pesquisa

acima mencionada e compreendi a natureza e o objetivo do estudo do qual fui convidado a participar. Concordo, voluntariamente em participar desta pesquisa, sabendo que não receberei nem pagarei nenhum valor econômico por minha participação.

---

Assinatura do voluntário

---

Lídia da Silva  
Professora Orientadora

---

Rosane *Gowacki de Moraes*  
Acadêmica

Araucária, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.